

O Dragão do Mar de Aracati: libertário da terra da luz

Sinopse: Thiago Tartaro

“A liberdade é um dragão do mar de Aracati”: essa citação de verso nos soa muito familiar cá no mundo do samba. Hoje a MUM apresenta a história daquele que, com sua luta e inteligência, fez o Ceará se tornar a terra da luz, o Rio de Janeiro a terra das comemorações e o Brasil uma terra sem escravidão. Podemos chamá-lo de jangadeiro, afinal ele o era. Utilizava como ninguém as correntes de vento leste-oeste, típicas da parte setentrional do nosso Nordeste. Ele poderia também ser reconhecido como Chico da Matilde, pois Dona Matilde de Aracati era rendeira famosa e mãe inquebrantável no trato com seus filhos. Porém, mundialmente, Francisco José do Nascimento ficou conhecido como Dragão do Mar, alcunha poderosa, que evidencia a força e o caráter implacável deste herói brasileiro.

Quem hoje vai à praia de Canoa Quebrada no Ceará e se depara com suas ventanias com rajadas de grãos de areia cortantes pode experimentar o que os pescadores e jangadeiros daquele século XIX sentiam: uma natureza dialética, ao mesmo tempo linda e de condições rigorosas. Nesse espaço nasce Francisco, criado por sua mãe, Dona Matilde, pois o pai morrera em busca do sonho de uma vida melhor no ciclo da borracha. Desde pequeno, na lida como jangadeiro que carregava e descarregava o brigue Tubarão, Francisco, homem preto que nasceu livre e vinha de uma família alforriada, presenciava e se indignava com seus irmãos de cor em sofrimento. Era época de tráfico negreiro interno naquele Brasil de meio do século XIX. Embora não se pudesse mais trazer escravizados de África, podia-se deslocá-los entre províncias. O germe do abolicionismo nascia em nosso herói. Em busca de uma vida melhor, ainda jovem, Francisco rumou à capital Fortaleza para ainda trabalhar como jangadeiro de carregamentos na praia de Iracema, a praia da virgem dos lábios de mel. Inteligente pois abolicionista, Francisco se educa sozinho: aprende de forma autodidata a ler e escrever muito bem, bem como os idiomas inglês e alemão.

Na década de 70 daquele século, o caldo de cultura para a abolição da escravatura começa a ferver. Nasce a Sociedade Cearense Libertadora, um grupo de intelectuais e comerciantes que reivindica a libertação dos escravizados. Em seu jornal “O Libertador” liam-se textos-manifesto e mesmo literatura anti-escravidão:

“O temido jornal – ‘libertador’

Se fez o horóscopo da verdade

O erro profligando com fervor;

A carne apodrecida da maldade

Queimava com prazer, embora a dor,

Viesse despertar o escravismo,

O qual inda sonhava o despotismo.”

A ideia se alastra como fogo na palha e atíça as almas cearenses. Aliado a isso, outros contextos como a grande seca de 1877 e a pressão do comércio inglês fazem circular a ideia de uma revolta. Neste interim, Francisco tem em José Luiz Napoleão, colega de trabalho e líder de uma liga de alforriados, um grande referencial.

1881: ordenados a utilizar suas jangadas para transportar escravizados da praia para um navio atracado no mar, liderados inicialmente por Napoleão, posteriormente por Francisco, os trabalhadores se negam e cruzam os braços. O navio navega vazio. Cheios ficam os corações dos irmãos em negritude: cheios de alegria e liberdade. Cheios ficam os olhos de lágrimas, que anunciavam um futuro melhor. Eis a greve revolucionária do Dragão do Mar.

A partir dali a abolição cearense era certa. Em 1883, o Ceará tem a primeira cidade livre da escravatura no Brasil: Acareté. Em célebre sessão no palácio do governo, algum tempo depois, toda a província declara a definitiva abolição. Francisco compõe a grande reunião e é retratado para sempre como líder popular. José do Patrocínio, líder abolicionista nacional, vai ao Ceará e convoca Francisco para o Rio de Janeiro, capital do império. Os novos amigos ladeiam a costa brasileira e, ao chegar no Rio, Francisco faz graça: ao invés de descer do navio para a terra, pega sua jangada em mar semi-alto e vai dali à margem em vela, onde podia-se ler “LIBERTADORA”. A população ensandecida pega a jangada com Francisco em cima e sai em cortejo pelo passeio público. Foi folia

pra ninguém botar defeito. Relata o próprio Dragão do Mar em telegrama à esposa: “Recepção em delírio! Praças e ruas forradas de povo! Flores, bandeiras, discursos, poemas, saúde perfeita! Em todos os jornais, brilhante recepção!”. A liberdade negra se fez carnaval e Francisco foi rei momo.

Cada cearense hoje é Francisco, é filho de Matilde, é bicho feroz da água. Em Fortaleza, nosso herói renasceu em um gigantesco aparelho cultural com seu nome, inaugurado em 1999: o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Com shows de músicos renomados, exposições de artistas locais e nacionais, mostras de cinema e um planetário que fomenta a ciência, a educação se deposita na alma de cada um e faz crer que o Brasil há de ser, como o Ceará foi e é, a terra da luz!